



JOSÉ RODRIGUES  
DOS SANTOS

O PROTOCOLO  
CAOS

R O M A N C E



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**JOSÉ RODRIGUES  
DOS SANTOS**

**O PROTOCOLO  
CAOS**

**R O M A N C E**

 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © José Rodrigues dos Santos, 2024  
Copyright © Planeta de Livros Portugal, 2024  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

*Revisão da edição portuguesa:* Carlos Jesus e Marta Jacinto  
*Projeto gráfico e diagramação:* Segundo Capítulo  
*Capa:* Rafael Brum  
*Imagem de capa:* Vchal / iStock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

|                                                                                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------|
| Santos, José Rodrigues dos                                                           |
| O protocolo caos / José Rodrigues dos Santos. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025. |
| 624 p.                                                                               |
| ISBN 978-85-422-3856-3                                                               |
| 1. Ficção portuguesa I. Título                                                       |
| 25-3933                                                                              |
| CDD P869.3                                                                           |

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção portuguesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2025  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP – CEP 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

# I

O verão acabara apenas dois dias antes e as folhas já haviam começado a tombar das árvores, estendendo um suave tapete avermelhado pelas calçadas de Ryazan; dir-se-ia relva em brasa. Os primeiros sinais do outono não pareciam, no entanto, interessar a Dimitri Chernyshev. Sentado no seu gabinete da esquadra do bairro de Dashkovo-Pesochnya, o tenente da polícia russa alheara-se da paisagem para lá da janela e mantinha os olhos azuis presos à tela do computador.

Desde a sua juventude, quando frequentara o liceu número 1535 de Moscou, que Dimitri se sentia fascinado com as promessas do universo digital. Fora na época da União Soviética. A verdade é que a ditadura comunista, centralizada e obcecada com a vigilância da população ao ponto de se tornar paranoica, se atrasara em relação ao Ocidente no desenvolvimento destas tecnologias. Sim, claro, no Instituto de Eletrotecnologia de Kiev havia sido desenvolvida na década de 1950 uma máquina de cálculo eletrônico designada *MESM*. Depois disso, foram concebidos os computadores *Strela*, *Mir*, *Minsk*, *BESM*, *Argon*, e ainda o *Micro-80* e o *Radio-86RK*, entre outros.

O fato, todavia, é que o país se revelara incapaz de competir com o ritmo de desenvolvimento, e sobretudo a qualidade, dos computadores produzidos pela indústria ocidental. Para esconder retoricamente as suas insuficiências, resolvera demonizar esta tecnologia. No seu afã de a desvalorizar, chegara mesmo a descrever os computadores como um produto pequeno-burguês do capitalismo decadente.

Balelas, como era evidente. Aquela propaganda para camponeses jamais iludira Dimitri ou quem quer que se interessasse pelas tecnologias do futuro. Nessa época, aliás como agora, o rapaz não manifestava o menor interesse em ideologia, nem no que dizia o regime. Papagueava a doutrina porque a isso era obrigado, todos naquele tempo tinham de cantarolar a mesma canção, mas o que os lábios falavam a cabeça não pensava nem o coração sentia. O que lhe interessava mesmo eram os computadores e as possibilidades infinitas que eles abriam ao futuro. O sonho de Dimitri sempre fora o de entrar na Academia Soviética das Ciências e lidar com máquinas que pensassem e até que fossem capazes de falar, como às vezes via nos filmes de ficção científica.

A fantasia desses filmes começara a tornar-se realidade quando, nos seus tempos de estudante, foi instalado o *Elektronika BK-0010* no liceu número 1535. O primeiro computador que viu ao vivo! Ah, que emoção! Teve, porém, de esperar pela queda do comunismo para deitar as mãos a um precioso *Agat*, na verdade uma simples imitação do *Apple II* americano, com a diferença de que se estava sempre a avariar. Mas essas avarias nem o incomodavam; constituíam excelentes pretextos para abrir a máquina e estudá-la por dentro como se lhe buscasse a alma.

“Chá?”

Levantou os olhos. Ekaterina, a nova secretária da esquadra, sorria-lhe com uma chaleira na mão, uma coluna de vapor a fumegar pelo cano. Havia já um ano que Dimitri não tinha namorada e a presença da nova contratação feminina da esquadra não o deixava indiferente. A moça era agradável, com o seu cabelo alourado nas pontas e os grandes olhos castanhos a brilharem de vida. Além do mais, aproximava-se com frequência dele, o que não lhe parecia accidental e abria mil possibilidades; era só uma questão de lhe dar conversa e ver onde a cantilena o levaria.

O tenente pegou na xícara que tinha pousada ao canto da mesa e estendeu-lha.

“Só um bocadinho, por favor.”

A secretária verteu o chá para a xícara dele.

“Há mais descobertas sobre Volgodonsk?”



Tratava-se de uma referência ao último de uma sequência de atentados que nos dez dias anteriores atingiram várias cidades e fizeram um total de trezentos mortos e mais de seiscentos feridos, lançando o medo pela Rússia. Em todo o país não se falava de outra coisa.

“Pelo visto foram os chechenos”, devolveu o policial. “E o governo sem nada fazer. Uma vergonha! Apesar de ser chequista, este novo primeiro-ministro é igual aos outros. Todos uns bananas.”

O primeiro-ministro em causa chamava-se Vladimir Putin, indigitado para essa função apenas no mês anterior.

“Desculpe, senhor tenente, o novo primeiro-ministro é chequista?”

“Claro, era do KGB, não sabia? Além do mais, antes de assumir as funções de chefe do governo, dirigiu o FSB”, lembrou, referindo-se aos serviços de segurança do Estado, conhecidos no tempo comunista sucessivamente com a designação de Cheka, NKVD e KGB, nomes diferentes para a mesma temível organização. “Mas agora está tudo diferente. O tipo só subiu ao poleiro por ajudar o Ieltsin a livrar-se do procurador que o andava a investigar, mais nada. Quanto ao resto, só quer tacho. Como todos, aliás. Ouça o que lhe digo, minha linda, a nossa Rússia está perdida.”

Ela terminou de lhe encher a xícara e abanou a cabeça.

“Só sei que estes atentados foram horríveis”, observou. “Tenho primos em Volgodonsk e eles contaram-me que por lá ainda está tudo em choque. Já viu isto? Os bandidos destruíram à bomba prédios inteiros cheios de gente. Primeiro Buynaksk, depois Moscou, agora Volgodonsk. Uma tragédia! Até mataram crianças, esses selvagens. Como é possível haver gente tão cruel?”

Encolhendo os ombros, Dimitri sorveu um trago do chá.

“Neste mundo há pessoas dispostas a tudo”, disse no tom de quem expunha uma evidência. “Para travar os criminosos só estamos cá nós, a polícia.”

A moça desviou o olhar para a pistola que ele trazia à cintura.

“Se visse um desses chechenos pela frente, o que faria o senhor tenente?”

O policial endereçou-lhe um riso traquina.

“O que acha que faria um homem armado com um pistolão como o meu?”

Ela reprimiu uma risadinha.

“Oh, vá lá. O que lhe faria?”

“O meu dever, claro. Um tiro entre os olhos. Pimba.”

“Ai, que durão...”

“Oh, nem imagina.”

A conversa carregava-se de subentendidos, mas talvez aquele não fosse o melhor momento para flertar. Os atentados nos prédios estavam a deixar toda a gente nervosa, e Ekaterina parecia particularmente afetada.

“Agora a sério, o que acha o senhor tenente que o nosso presidente vai fazer para parar isto?”

“O Ieltsin? Nada. Talvez enfrascar-se com vodka, como de costume.”

“E o novo primeiro-ministro?”

“Nada, também. Já lhe disse, esta galera só quer uma fatia do bolo. Basta olhar para os oligarcas. Eles governam-se e o povo é que se lixa. É sempre a mesma coisa.”

As palavras do agente deixaram a secretária momentaneamente chocada. Os atentados haviam de fato sido horríveis, tinham morrido centenas de pessoas nas explosões dos prédios das três cidades e... não seria feito nada? Como era possível?

Vendo a atenção do seu interlocutor regressar ao computador, virou-se para voltar ao bule e preparar mais chá para oferecer a outros agentes da esquadra, mas suspendeu o movimento a meio e voltou a encarar Dimitri.

“O senhor tenente não achou estranho o que disse o presidente da Duma?”

O agente, já imerso no mundo digital, pestanejou ao regressar ao mundo real.

“Hã?”

“A declaração do Seleznev”, insistiu. “Ele interrompeu a sessão na Duma para anunciar que tinha recebido a notícia do atentado em Volgodonsk.”

“E então?”

“O Seleznev disse isso três dias antes do atentado.”

Dimitri voltou a pestanejar.

“Perdão?”

“Não sabia? Foi a minha prima que me contou. Três dias antes da destruição do prédio em Volgodonsk, o presidente da Duma anunciou que o atentado tinha acabado de ocorrer em Volgodonsk. Na altura ninguém prestou grande atenção, uma vez que não tinha havido ainda qualquer atentado na cidade, mas em Volgodonsk uma coisa dessas não passou despercebida, como deve calcular. Toda a gente achou bizarro o Seleznev falar de um atentado na cidade três dias antes de ele ocorrer. Estranho, não é?”

A informação deixou o agente surpreendido. Nunca ouvira falar em tal coisa.

“O presidente da Duma falou no atentado de Volgodonsk três dias antes de ele ocorrer?” Abanou a cabeça. “Não pode ser, menina. Deve haver engano.”

“Eu fui confirmar no jornal, senhor tenente. O Seleznev anunciou mesmo o atentado de Volgodonsk três dias antes. Logo depois da explosão, houve até um deputado que o questionou sobre isso na Duma. Está escrito no jornal.”

Dimitri considerou por momentos a questão antes de o rosto se abrir num sorriso.

“Ouça, o que de certeza se passou é que o FSB tinha suspeitas de que poderia ser lançado um ataque em Volgodonsk e o presidente da Duma percebeu mal a informação e julgou que o ataque já tinha ocorrido. Mal-entendidos desses acontecem por vezes, sobretudo em situações confusas como estas.”

Ekaterina considerou a explicação.

“Sim, tem razão”, acabou por reconhecer. “Foi sem dúvida isso o que sucedeu.” Acenou com a chaleira. “Quer mais chá, senhor tenente?”

“Não me chame senhor tenente, até parece que estamos na tropa. Por que não me trata por Dimitri? Ou, melhor ainda, por Dima?”

Ela sorriu.



“Só se me chamar Katja. Ekaterina soa demasiado formal, parece que está a falar com a minha avó.”

“Hmm... então fica combinado. Mas, claro, quando as pessoas se tratam pelo nome próprio é porque se tornaram amigas, não é? Posso considerá-la minha amiga?”

“Claro.”

“Os amigos às vezes saem juntos. Para ir ao cinema, para tomar um café, para jantar...”

Ekaterina riu-se.

“Já vi que tenho de ter cuidado consigo. É muito esperto.”

“Sou, não sou? E então quando é que vamos tomar um café juntos?”

A moça deu meia-volta e regressou para junto do bule, de onde lhe atirou um olhar carregado de promessas.

“Vou pensar nisso.”

Com jeito seria bem capaz de levar a água ao seu moinho, pensou ele, voltando-se de novo para a tela do computador. Dimitri era de longe o melhor agente da esquadra a lidar com as novas tecnologias e o chefe havia-lhe encomendado um trabalho de cruzamento de dados que só ele seria capaz de executar. Mergulhou por isso em todo aquele mar de informação e começou a estabelecer correlações. Os dados envolviam transações financeiras e a sua função era verificar os fluxos de dinheiro e procurar ligações que não eram óbvias. A Rússia pós-Império Soviético tornara-se um faroeste de *gangsters* e oligarcas, e travar as negociatas criminosas entre gente poderosa estava a revelar-se um quebra-cabeças para a polícia.

Ao fim do que pareceram algumas dezenas de minutos, uma voz quebrou-lhe a concentração.

“Dima, temos aqui uma chamada de um cidadão com uma informação bizarra.”

Tinha necessidade de se concentrar na tarefa sem ser perturbado, mas ocultou a impaciência quando constatou que fora Ekaterina quem o interrompera.

“Passe ao chefe de turno, se faz favor.”

“Você é agora o chefe de turno, Dima.”

A informação deixou-o momentaneamente espantado. Olhou pela janela e constatou com surpresa que a noite já caíra. Consultou o relógio; eram 21h15. O tempo voara e ele, embrenhado no trabalho ao computador, nem dera pela passagem das horas. Com exceção de Ekaterina, todo o pessoal do secretariado já tinha ido para casa.

Respirou fundo, resignado.

“Passe lá a chamada.”

A moça desapareceu e, momentos depois, o telefone que ele tinha sobre a mesa tocou.

“Tenente Dimitri Chernyshev”, apresentou-se logo que pegou no auscultador. “Quem fala?”

“Boa noite, senhor policial”, respondeu uma voz rouca do outro lado da linha. “Chamo-me Tankov. Alexei Tankov. Sou motorista e vivo num prédio da Rua Novoselov, não sei se sabe onde é.”

“Sim, sei. Diga.”

“É para reportar um incidente suspeito, senhor policial.”

Desde os tempos da União Soviética que “reportar incidentes suspeitos” se tornara um esporte nacional.

“Diga.”

“Há coisa de dez minutos vi um automóvel de cor branca, marca Zhiguli-5 ou Zhiguli-7, não sei bem. O carro parou diante do meu prédio e saíram do interior duas pessoas, um homem e uma mulher. Entraram no edifício pela porta da cave e, poucos minutos depois, voltaram para o veículo. Aproximaram-no da porta da cave. A seguir, saíram três pessoas do carro, incluindo o mesmo casal, e vi-os carregarem sacos do bagageiro para a cave. Passado um pouco, regressaram todos ao carro e foram-se embora.”

“Se calhar eram moradores do prédio...”

“De modo nenhum, senhor policial. Isso posso garantir-lhe, ou não me chame eu Alexei Ivanovitch Tankov. Conheço toda a gente que aqui vive e posso assegurar-lhe que nunca vi esta gente nas redondezas. Além do mais, a placa do automóvel era de Moscou.”

“Vi a placa?”

“Até tomei nota, senhor policial. Era... deixe cá ver... ah, aqui está. T 534 BT 77 RUS.”

O agente registrou a sequência de algarismos e letras.

“E que mais?”

*“A questão é esta, senhor policial: que sacos são estes que desconhecidos oriundos de Moscou vieram aqui meter na nossa cave? Eu cá não quero confusões, mas com estes atentados todos a gente anda nervosa, não é? Os chechenos são tramados. Sabe, o meu filho combateu no Afeganistão e disse-me que é preciso desconfiar deste tipo de gente. Uns fanáticos capazes de tudo.”*

A referência a chechenos despertou a atenção do tenente.

“Esses tipos que o senhor viu a transportar os sacos tinham ar de chechenos?”

*“Bem... não exatamente, senhor policial. A bem dizer, pareceram-me... enfim, dos nossos.”*

“Quais nossos?”

*“Russos, senhor policial. Mas olhe que lá na Chechênia há muitos dos nossos que se juntaram a eles, como sabe.”*

Tudo aquilo soava a uma história da treta.

“Ouça, senhor Tambov...”

“Tankov.”

“... tenha calma, não se preocupe e durma descansado. Isso não é nada.”

*“Quer dizer, está bem, não digo que sejam terroristas chechenos, mas... e se forem traficantes? Isto agora anda cheio de máfias, senhor policial, e aquilo que eu vi era gente finória, ouviu? Não tinha nada a ver com o povo que aqui vive. Eu pergunto-me: o que está nestes sacos? Será droga? Não é melhor verificar? Ou... ou prefere o senhor que eu ligue para outra esquadra?”*

Os elementos do público que passavam a vida a ligar para a esquadra a “reportar” todo o tipo de incidentes ganhariam de certeza a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos dos Chatos se estes jogos existissem. A vontade de Dimitri era dizer ao homem para ser menos abelhudo, meter-se na sua vida e ir mas é dormir, mas... e se fossem mesmo traficantes? Parecia claro que o tipo, paranoico como pelo visto era, iria telefonar para outra esquadra e se algo fosse realmente descoberto ele

seria acusado de falta de zelo nas suas funções e punido. Em obediência aos regulamentos que orientavam a polícia desde os tempos soviéticos, tinha consciência de que não podia ignorar a denúncia.

Resignou-se.

“Qual é o endereço?”

*“O prédio onde vivo? É no 14/16 da Rua Novoselov, senhor policial. É fácil de encontrar, há uma loja de conveniência no rés do chão.”*

Dimitri tomou nota da morada.

“Já aí vamos.”

Desligou o telefone e levantou-se. Pegou no casaco, vestiu-o e dirigiu-se ao gabinete vizinho, onde um outro agente dormitava com os pés estendidos sobre a mesa.

“Andrei, anda daí.”

O agente estremeceu e encarou-o, estremunhado.

“Hã? Hã?”, agitou-se. “O que... o que se passa?”

“Temos um serviço.”

Andrei pôs-se de pé e, ainda meio atarantado, verificou a arma.

“Aconteceu alguma coisa?”

O tenente pôs o boné na cabeça e saiu para a rua, enfrentando o ar fresco da noite de Ryazan.

“Nada de especial”, retorquiu. “Já voltamos.”

O que o esperava, porém, iria mudar a sua vida.

E a do mundo.

## II

Com as botas enlameadas assentes na balaustrada da varanda e as águas revoltas do Mississípi a agitarem-se uns cem metros à sua frente, Leroy Roderick sentia dificuldades em se concentrar. Apesar de ser cristão praticante, interessava-se pelos mistérios do profano, pelos segredos do antigo Egito e pela cabala e respectivos códigos. Por essa altura andava a aprender um novo sistema de codificação e queria fazer exercícios mentais nesse sistema, mas não conseguia. O problema, por prosaico que pudesse parecer para quem se interessava pelos temas das esferas místicas, era a qualidade do ar.

Ajeitou o chapéu à *cowboy*, um velho *Longford Western* de couro castanho-escuro, de modo a espreitar as correntes gorgulhentas. Fulminou-as com o olhar, como se isso as pudesse intimidar. As águas ignoraram-no. É certo que já estava habituado aos maus cheiros com frequência exalados do rio junto a Burnside, a povoação onde residia, mas nesse princípio de tarde de domingo o fedor estava a revelar-se realmente insuportável. Assim, não conseguiria de fato concentrar-se o suficiente.

“Leroy?”

A mulher chamava-o do interior da casa de madeira onde ambos viviam com os filhos, mesmo à beira de uma curva do rio.

“O que é?”

“Sai daí”, disse ela. “O cheiro hoje está mau.”

“Está mau aqui, está mau aí.”

“Não. Fechei todas as janelas logo que o senti. Aqui está-se bem melhor. Anda, vem para dentro.”

Leroy ainda pensou em deixar-se ficar. Se da varanda tinha uma vista daquelas, e a brisa quente era agradável, por que não desfrutar? Ainda se lembrava de, na juventude, beber água fresca daquele rio e ali pescar com o pai. Belos peixes dava então o Mississípi nesse trecho; esturjões, peixes-gato, peixes-remo, robalos, carpas, salmonetes. Até saltitavam. Era só atirar a isca à água e vê-los trepar pela vara a sara-cotear as caudas. Bons tempos, esses.

Mas agora, na mesma curva do rio onde se situava a casa dos pais que agora era sua, tudo isso tinha já desaparecido; os peixes mortos pelos mil venenos que as fábricas e os produtores lançavam para as águas, os pássaros por deles se alimentarem. Nunca mais os pelicanos, as gaivotas, as garças e as andorinhas-do-mar voltaram àquele braço pestilento do rio. Nem ele voltou a ouvir por ali o coaxar morno das rãs. No seu lugar, apenas pairava agora, como uma neblina ameaçadora ou um augúrio de morte, um eterno cheiro nauseabundo.

Nesse momento o fedor estava de fato a tornar-se insuportável. Apesar da sua inicial determinação em não se deixar vencer pela podridão que os anos trouxeram ao Mississípi, ao fim de um minuto acabou por se render à evidência e pôr-se em pé.

*“Fuck, man.”*

Contrariado e mal-humorado, arrastou-se para casa. A mulher tinha razão, constatou uma vez lá dentro. No interior estava-se realmente muito melhor. Viu-a sentada sobre o tapete da sala na posição de lótus, já perto do final dos seus exercícios. Ambos gostavam de ioga, sentiam que os equilibrava naquele mundo de loucos, mas ela, talvez por causa da sua doença, fazia os exercícios com mais frequência. Leroy preferia focar-se nos mistérios das pirâmides e dos códigos antigos.

“O que achas que é desta vez?”, perguntou a mulher, abrindo os olhos para o encarar. “Mercúrio?”

“O mercúrio não cheira assim, Betty”, foi a resposta. “Talvez seja nitrogênio ou nitratos ou fertilizantes de fósforo. Ou um qualquer tipo de bactéria, sei lá. Cheira mal, é o que é.”



Fez-se silêncio entre eles. Elizabeth, que todos conheciam por Betty, tossia ocasionalmente enquanto se exercitava; era uma tosse cavernosa que por vezes se tornava assustadora. No ano anterior, o médico diagnosticara-lhe um câncer nos pulmões e tivera de ser operada. A cirurgia custara uma fortuna e os tratamentos não eram totalmente comparticipados pela Medicare. Além de que a filha deles, Sally, aparecera com um enfisema pulmonar, e o filho, Charlie, tinha ocasionais problemas de pele. Um pesadelo para a família Roderick.

Esse pesadelo fazia parte de um pesadelo maior, cristalizado nas várias casas abandonadas nas redondezas e nas histórias por detrás desses abandonos; os proprietários tinham todos morrido ou fugido. Os Lavigne foram vitimados por todo o tipo de câncer, os Broussard também, o mesmo aconteceu aos Fontenot. Os Chalnot assustaram-se, fizeram as malas e partiram para Baton Rouge. Os Roderick só não saíram porque não tinham dinheiro. A única maneira de o obter em quantidade suficiente para poderem partir seria venderem a casa, mas quem a quereria comprar num lugar daqueles?

Não era por acaso que aquela parte do Mississípi se tornara conhecida como a Alameda do Câncer. Naquela faixa de cem quilômetros de comprimento concentravam-se muitas das principais indústrias petroquímicas e de hidrocarbonetos do país; eram mais de uma centena, muitas delas altamente poluentes, comprimidas numa zona do país transformada num imenso esgoto. As águas tornaram-se inconsumíveis, o ar por vezes irrespirável, a natureza morta ou moribunda. E as doenças, sobretudo o câncer, generalizaram-se.

#### A Alameda do Câncer.

Betty voltou a tossir. Terminou o exercício sobre o tapete e foi para o sofá, onde se pôs a tricotar com afínco. Havia algum tempo que se dedicara às malhas, num esforço para faturar dinheiro extra livre de impostos. Produzia peças para crianças e vendia-as depois pela Internet; aderira ao Facebook e, para além de fazer dessa rede social o uso normal, usava-a para angariar clientes para as suas peças. Isso ajudava a equilibrar as contas da casa, o que não era nada mau considerando os difíceis tempos que viviam.

Sem nada para fazer nesse domingo de modorra, Leroy foi arrumar a garagem. Nessa manhã tinham ido à missa na vizinha Gonzales, na verdade a povoação onde ele próprio nascera e cuja igreja frequentavam, e havia coisas que ficaram por fazer. Quando terminou o trabalho na garagem, foi sentar-se na sua poltrona e dali se entreteve a apreciar o galo de porcelana que herdara dos pais e que mantinha na estante como uma velha relíquia de família; naquela peça vítrea encerrava-se toda a história dos seus antepassados. O galo tornara-se de tal modo importante como símbolo da sua identidade que Betty o bordara na lapela de várias das suas peças de roupa.

O gongo do velho relógio de parede, outra herança dos pais, soou. Olhou para os ponteiros e admirou-se com o adiantado da hora.

“Gee, as notícias estão quase a começar.”

Pegou no controle e ligou a televisão. Sentia por vezes dores nas costas, mas evitava os médicos o mais que podia; nunca se sabia que mais desgraças aqueles abutres anunciariam. A televisão estava sintonizada na Fox News, como habitualmente, e a notícia de abertura nesse dia incidia sobre os planos para se construir o que era descrito como “a mesquita dos terroristas no Ground Zero de Nova York”, um santuário islâmico junto ao local onde os islamitas da Al-Qaeda tinham destruído as torres gêmeas do World Trade Center nos atentados de 2001 em Nova York.

Leroy deu um salto na poltrona.

“Como é possível?”, urrou, revoltado. “Já viste isto, Betty? Enlouqueceram! Depois do que nos fizeram, os muçulmanos ainda brincam conosco! E o nosso governo deixa! Agh! Este país está perdido!”

A reportagem da Fox News noticiava manifestações que se organizavam contra esse projeto e em protesto contra “a transformação de Nova York na Nova Meca”.

“Uma vergonha!”

A reportagem seguinte do noticiário da Fox News girava em torno do vídeo de um latino-americano que explicava em espanhol a potenciais imigrantes ilegais como poderiam usar a lei americana para ocupar à força casas nos Estados Unidos. O autor do vídeo gabava-se,

segundo a Fox News, de que ele, a mulher e a filha recebiam do Estado americano subsídios de trezentos e cinquenta dólares por semana, o que dava mil e quatrocentos dólares por mês, desde que haviam entrado ilegalmente no país.

“Isto é revoltante!”, berrou Leroy, fora de si. “Esta gente entra como quer, ocupa as nossas casas, recebe o dinheiro dos nossos impostos... e ainda por cima ensina aos outros como usar as nossas leis para nos esbulharem ainda mais!” Ergueu as mãos para cima. “Meu Deus, não haverá ninguém que ponha termo a esta pouca vergonha? Como é possível que o governo colabore com os esquemas destes bandidos?”

“É o Hussein”, observou Betty, remoendo os lábios para conter a irritação que aquelas notícias também a ela provocavam. “Desde que as elites o meteram no poleiro em Washington que esta gente faz o que quer. E nós a pagar...”

Hussein era como muitos americanos, em particular os do Sul, chamavam ao presidente. No nome Barack Hussein Obama, o que se lhes destacava, como uma nódoa em pano branco, era o do meio.

“Não é só o Hussein, são todos”, resmungou o marido. “Democratas, republicanos... todos falam da mesma maneira, todos dizem os mesmos disparates. Apregoam que temos de ser tolerantes e receber esta gente toda, incluindo os que metem bombas cá dentro, e até usam o dinheiro dos nossos impostos para os ajudarem a instalarem-se. Entram e entram e entram. Mas quem depois os atura e paga tudo, quem? Eles?”

“Nós.”

“Nós, claro. Quem mais? Nós, os que pagamos impostos, mas não temos voto na matéria. Eles, as elites de Washington, enquanto pregam a virtude, andam todos catitas nos seus *Cadillacs* e metem os filhos em Harvard e Yale. Se eles andassem de ônibus e os filhos deles frequentassem as escolas que estes imigrantes todos frequentam, como nos acontece a nós, aí é que os queria ver a pregarem virtudes. *Jesus Christ!* As elites estão a dar cabo deste país!”

A mulher fez um gesto de assentimento.

“É por isso que, no dia das eleições, nem sequer ponho os pés nas seções de voto.”

“Nem eu, nem eu.”

Por esta altura, o noticiário já ia na notícia seguinte, uma reportagem dedicada ao plano do presidente Obama para regularizar a situação de onze milhões de imigrantes que entraram ilegalmente nos Estados Unidos. O casal, que saltitava de explosões de indignação em explosões de indignação a cada notícia dada pela Fox News, não teve no entanto tempo de comentar o plano de legalização massiva de ilegais porque, sem aviso, a porta da rua abriu-se com estrondo e uma moça despen-teada entrou em casa e irrompeu-lhes pela sala aos berros.

Era a filha e vinha num pranto.



Planeta